

A ilha perdeu a fantasia. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) presenteou os candangos com um retrato realista da capital federal. Divulgou, nos últimos meses de 2003, uma série de importantes estudos sobre os indicadores sociais, econômicos e demográficos do país.

O *Correio Braziliense* publicou os números nacionais e agora, com a ajuda de técnicos do IBGE, disseca os dados locais. Eles revelam uma cidade já muito distante do clichê de glamour. Brasília de carne e osso, de quadras e invasões, é muito mais violenta do que diz a propaganda governista e bem menos miserável do que alardeia a oposição.

Aqui a violência urbana mata mais, pasmem, do que no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. É a principal causa da morte de homens. Se o medo desfaz a ideia de paraíso, a conta bancária prova que as lamúrias são um tanto exageradas.



A elite do Planalto Central, os 10% mais ricos, ganha o melhor salário do país — cerca de R\$ 4.639, mais do que São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e quase o dobro da média nacional para a categoria dos “bem de vida”.

Já para quem está do outro lado da pirâmide, os 40% mais pobres, os rendimentos ficam em R\$ 233,16. Muito pouco. Porém, o terceiro lugar no ranking nacional.

O trabalho do IBGE se baseou num cruzamento inédito de dados do Censo 2000, com estatísticas de cartório, da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD-2002) e da Síntese de Indicadores Sociais (2002). São documentos acessíveis ao público e preciosos para começar 2004 compreendendo melhor o país e a cidade.

O *Correio* publica hoje e nos próximos três dias uma série de matérias sobre a vida em Brasília. Como é nascer, crescer, trabalhar e morrer no coração do Brasil.



O BEBÊ PEDRO ARCOVERDE BEZERRA (NO COLO DA MÃE, SYLVIA) COMPLETA TRÊS MESES HOJE: TÍPICAMENTE BRASILIENSE, ELE CARREGA O BRASIL NO SANGUE

DF - Brasília

# Nascer

Meninos vêm à luz com expectativa de vida de 65,1 anos, menor do que se estivessem em estados mais pobres como Acre, Tocantins, Pará. Padrão de vida caiu, mas ainda é maior do que a média nacional

ANA BEATRIZ MAGNO E JOSÉ VARELLA  
DA EQUIPE DO CORREIO

**P**edro Arcoverde Bezerra, brasiliense de nascença, paraibano de linhagem, completa hoje três meses de vida e retrata o bebê tipicamente candango. Branco, filho de migrante, católico, com um pouquinho a mais de dinheiro no cueiro do que o restante da criangada brasileira, mas com uma promessa de futuro que deixa a desejar.

A expectativa de vida dos homens do DF está entre as piores do país: 65,1 anos, menor do que os do Amapá, do Acre, Tocantins, Pará e Rondônia, todos estados castigados pela miséria. Também perde para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Quem nasce em Brasília carrega o Brasil no sangue. Mais da metade dos 42.066 meninos e meninas registrados no Distrito Federal em 2002 tem mãe estrangeira. A maioria é nordestina, as mineiras estão em segundo lugar.

Não são mulheres inexperientes, do tipo filha que vira mãe e abandona o estudo para cuidar

de menino. Brasília é o pedaço do Brasil com o menor índice de mães adolescentes. Só 212 meninas colocaram filho no mundo antes do baile de debutantes.

Sylvia embalou Pedro aos 38 anos, mas já tem duas filhas. A mais velha, Beatriz, está adolescendo, tem 11 anos. “Só que agora sou melhor mãe, estou muito mais tranquila”, diz Sylvia.

As autoridades se preocupam com a gravidez precoce não apenas pela tranquilidade da mãe. Maternidade fora de hora aumenta os riscos de mortalidade tanto para a mulher quanto para o filhote. Piores são os problemas sociais.

“Sabe-se que o fenômeno está concentrado entre as adolescentes das classes menos favorecidas economicamente”, resume Luiz Antonio Pinto de Oliveira, coordenador de População e Indicadores Sociais do IBGE.

Sylvia conhece na carne o que Antonio Pinto está falando. Há nove anos é pediatra no Pronto Socorro do Hospital de Planaltina, cura doenças respiratórias, diarreias e maus-tratos

do rebento da população carente.

“As doenças são diferentes. A classe média vai ao consultório para fazer exame de rotina. No pronto-socorro é pauleira. É muita menina cheia de filho, muito filho maltratado”, desabafa a médica, convencida de que a pobreza adoce o corpo num frenético efeito cascata.

Quanto mais pobre, mais filhos, quanto mais filhos, mais doenças, menos estudo, menos trabalho. Os números do IBGE mostram que a taxa de fecundidade entre as mulheres com menos de um ano de estudo é quatro vezes maior do que entre as que terminaram o segundo grau.

A elite brasileira tem hoje padrões europeus de fecundidade, chega a 1,5 filho por mulher. Era bem diferente há menos de cinco décadas.

“Tive cinco filhas. Nenhuma das minhas filhas me deu tantos netos”, diz a simpática Maria Cristina, 73 anos, matriarca da família Arcoverde Bezerra. A filharada mingou e o orçamento também. As filhas mais velhas de Sylvia desfrutaram de uma Brasília mais próspera do

que a cidade que agora acolhe o caçula Pedro.

“Elas foram para creche. Ele não vai. A creche está R\$ 1.200”, contabiliza a mãe de Pedro, moradora de condomínio e que se desdobra entre o Pronto Socorro do Hospital de Planaltina, o consultório particular, um hospital privado, as mamadas do bebê, as carências do marido zootecnista e os apelos das duas filhas mais velhas. “Não é mole, mas só com o salário da Fundação Hospitalar não dá para pagar as contas. Recebo R\$ 2.200 do governo”.

Sylvia e sua família experimentam um dilema típico da classe média da capital federal. O emprego público já não assegura o padrão de vida daqui. Por outro, o padrão é bem maior do que o da média nacional.

O ninho de Pedro é de gente formada, diplomada. Tem telefone, freezer, microondas, carro, escola particular, máquina de lavar e computador. Um luxo para mais da metade dos brasileiros, mas que em Brasília é a realidade de quase 40% das famílias. Mas esse é o assunto do capítulo de amanhã.

## Retrato

42.066

bebês foram registrados em 2003, no Distrito Federal

41.859

nasceram em hospital e apenas 108 chegaram ao mundo em casa e 620 eram gêmeos

20.588

eram meninas e 21.478, meninos

212

meninas viraram mães com menos de 15 anos de idade

10.881

mulheres com mais de 30 anos deram à luz em 2002

65,1

anos é a expectativa de vida dos homens no DF. No Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná a média é de 67,7 anos